

A SUBJETIVAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Priscila da Rocha Luiz Bueno (PPG-UEM)

Jonathan Amorim Peres (CESUMAR)

Eliane Rose Maio(PPG-UEM)

UEM- Universidade Estadual de Maringá

RESUMO

Este estudo se dá na busca de expor alguns apontamentos sobre as relações de gênero, como acontecem nas brincadeiras infantis e como as crianças interpretam os papéis femininos e masculinos observados em seu cotidiano. Para tal, foram utilizadas as representações que se dão nas histórias em quadrinhos infantis, em especial da turma da Mônica, **Mônica em Brincadeira nas estrelas** (Revista da Mônica, n.83, p.64-68), **Como Adultos** (Almanaque da Mônica, n.17, p.29-32), por ser uma leitura prazerosa, bastante comum e inclusive recomendada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) como um recurso pedagógico e ferramenta de auxílio na alfabetização, com o intuito de questionar e romper os paradigmas das relações sociais que permeiam as atitudes dos/as adultos/as, com uma disparidade, favorecendo a posição masculina, apresentando-se de maneira heteronormativa e preconceituosa. As histórias infantis, por meio de suas ilustrações e narrativas, buscam agir na imaginação e sentimentos infantis e que podem ser repetidos no decorrer da vida humana. A cultura da diferença aqui desempenha um papel distorcido e ganha nuances sombrias com contornos de crueldade até mesmo, pois ela coloca a diferença na forma de um muro que separa e impede a criança de vivenciar livremente a brincadeira, sendo assim retirado o direito da criança e o seu poder de livre escolha. Nasce então, dessa forma distinta, as brincadeiras de meninos e de meninas, fato ocorrente e reproduzido na hora de “brincar” e usado como modelo e justificativa para as separações por sexo.

Palavras-chave: História em quadrinho; Brincadeiras Infantis; Identidade de gênero.

INTRODUÇÃO

Realização:



Apoio:

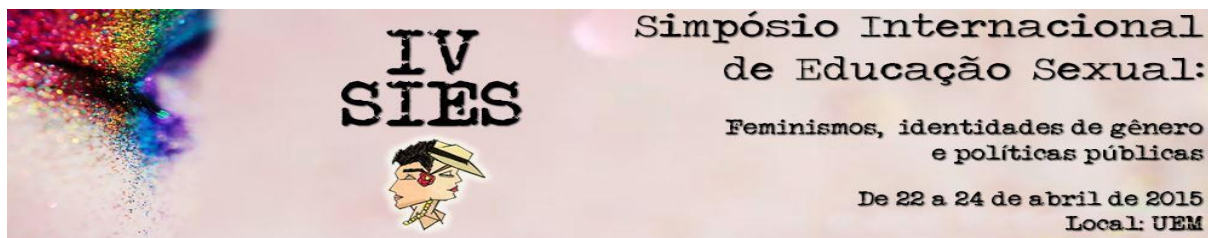


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Evidenciar alguns apontamentos sobre as relações de gênero, como elas se dão e como acontecem nas brincadeiras infantis é o objetivo deste trabalho. Para isso utilizamos as representações que se dão nas histórias em quadrinhos infantis e trabalharemos de uma forma expositiva, com o intuito de questionar sobre tabus e romper com paradigmas culturais que por muitas vezes permeiam as atitudes dos/as adultos/as, que contribuem para o estabelecimento e fortalecimento das relações de poder nas brincadeiras entre meninos e meninas.

Em nossa sociedade, a cultura da diferença desempenha um papel distorcido ganhando contornos de crueldade, pois coloca a diferença de gênero na forma de um muro que separa e que impede a criança de vivenciar livremente a brincadeira, sendo assim retirado o direito e o seu poder de livre escolha para brincar como e com quem quiser. Com todo esse conflito de pode ou não pode brincar, isso é de menina, isso é de menino, nascem de forma distinta, um conceito e um modelo estereotipado da condição feminina e masculina nas relações sociais, as brincadeiras acabam sendo reflexo de uma sociedade sexista, heteronormativa, preconceituosa e homofóbica. Em busca e para alcançarmos estes objetivos a presente pesquisa teve como delineamento a metodologia qualitativa, baseada na coleta de dados através de revisão bibliográfica, em livros, internet, periódicos, sobre a temática.

As crianças, em sua maioria, têm grandes interesses por histórias em quadrinhos, pois é uma leitura prazerosa, bastante comum e são recomendadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) como um recurso pedagógico de auxílio na alfabetização infantil.

O contato com a literatura inicia-se no seio familiar, momento este em que pais e mães se dividem na leitura de histórias atrativas e coloridas.

Em muitas das histórias em quadrinhos, os tipos de brincadeiras são demarcados e evidenciados pelas diferenças entre ambos/as, deixando claro o que são coisas de menina e o que é de menino, os personagens (Mônica, Cebolinha, Cascão Magali e outros) retratam e reproduzem o que vivenciam, sendo

Realização:



Apoio:

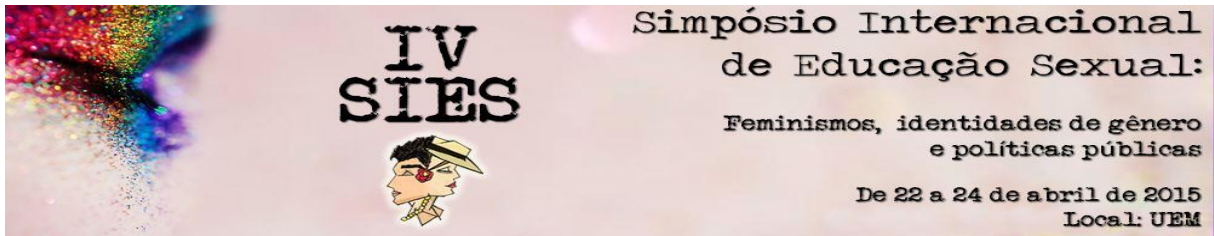


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





influenciados pelo meio que estão inseridos, representando os papéis e as situações cotidianas familiares através do imaginário e do faz-de-conta.

As famílias desempenham aqui um grande papel, como agente influenciador e formador transmite diretamente às crianças suas crenças e conceitos sobre o que é gênero e o que é o sexo. O gênero passa a ser entendido e compreendido na forma do oposto não somente no mundo adulto, mas como também no infantil, pois a criança passa a ter a visão nítida da necessidade desta divisão entre masculino e o feminino, para que possa reforçar sua identidade em determinadas atividades.

Sobre as diversidades de construção de gênero, Louro (1996, p. 10) afirma que:

Entendendo gênero como uma construção social- e, portanto, histórica-, teríamos de supor que esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e de masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e de mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a idade, etc.: além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino se transformam ao longo do tempo.

De acordo com Stoller (1993, p. 28) a identidade de gênero está relacionada à “mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes”.

A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher, ou melhor, as diferenças anatômicas de se nascer macho ou fêmea. Sexo é atributo biológico, enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero, portanto, aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino (BRAGA, 2007 apud BRAGA 2010, p.206).

Sendo assim, o comportamento infantil é influenciado pelas atitudes presenciadas no meio ao qual a criança está inserida e nas histórias em quadrinhos, podemos perceber que a relação de gênero está constantemente imposta nas brincadeiras e falas dos

Realização:



Apoio:

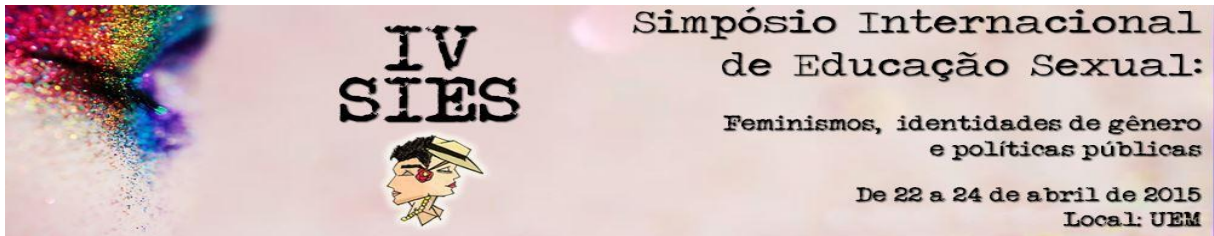


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





personagens que observam e reproduzem os discursos dominantes acerca das relações sociais de gênero e pela suposta marca da superioridade masculina e inferioridade feminina.

A QUESTÃO DE GÊNERO E PODER NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O BRINCAR ENTRE MENINOS E MENINAS

Atualmente a desigualdade de gênero ainda se faz presente em nossa sociedade. Meninos e meninas vão além das diferenças entre suas habilidades, seu desenvolvimento cognitivo, suas emoções e tantas outras características, pois a diferença dos sexos marca o papel social do indivíduo.

Os meninos são fortes, não choram e sempre possuem o poder, já as meninas são delicadas, brincam de casinha e devem ser submissas e dóceis. Como internalizaram isso? As crianças aprendem em seu convívio familiar e social, maneiras de se tornarem meninos e meninas e diante disso, as relações cotidianas vivenciadas por elas são determinantes e/ou influenciadas para a construção de suas preferências futuras.

A produção da identidade de gênero “normal” também pode representar a obrigatoriedade de “preferir” determinados interesses (brinquedos e brincadeiras), de desenvolver habilidades ou saberes compatíveis com as referências socialmente admitidas para a masculinidade e para a feminilidade (LOURO, 1998, p. 91).

As crianças não se preocupam com as regras existentes nas brincadeiras que definem papéis diferentes entre os sexos, pois o que mais querem é brincar. Por isso oferecer diversas brincadeiras para que as crianças criem ou exerçam diferentes papéis não lhes proporcionará apenas uma autonomia, mas uma segurança para a construção de sua identidade pessoal, pois para elas ao brincar não importa a religião, cor ou sexo, o que realmente importa é o prazer de poder imaginar, criar e se divertir.

Realização:



Apoio:

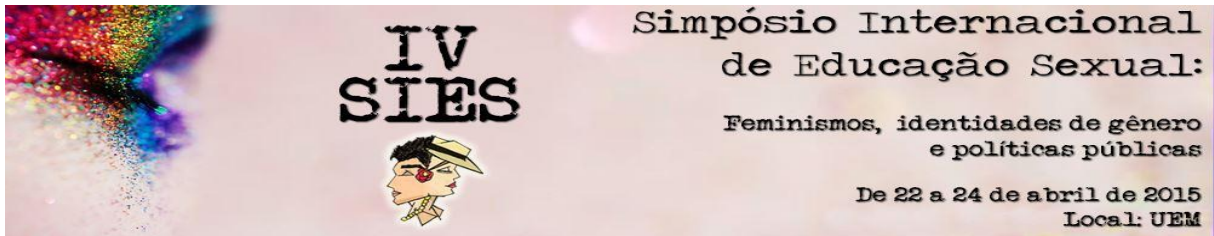


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

As primeiras atividades das crianças surgem da necessidade de conhecerem o meio que as cercam e para começar a compreender as regras e as atitudes, passando a conhecer e internalizar o mundo adulto e os conceitos para formar seu caráter e personalidade, a criança brinca.

Na história **Mônica em Brincadeira nas estrelas** (Revista da Mônica, n.83, p.64-68), a questão do poder masculino e da meiguice feminina são abordadas. Porém a diferença entre os gêneros é definida pela permissão da Mônica brincar ou não. Ao final, percebemos que as diferenças são construídas e não naturais, pois os meninos acatam e superam as características tidas como femininas e masculinas impostas pelo meio em que vivem.

Transgredindo esses modelos exigidos pela sociedade e estabelecidos no imaginário social, "Qualquer possibilidade de rompimento das fronteiras de gênero aponta uma classificação no campo da patologia, da anormalidade" (FELIPE, 2000, p. 123), as histórias acabam demonstrando uma série de situações que representariam através das brincadeiras infantis, um rompante entre as fronteiras masculina e feminina,

Portanto, as histórias em quadrinhos apresentam práticas relacionadas ao gênero que as crianças possuem como base e que são exigidas pela sociedade, porém quando percebem a possibilidade de brincarem juntos sem disputa de força ou espaço, não importando ser menino ou menina, conseguem desconstruir os estereótipos impostos e estabelecem uma relação onde cada um/uma possa encontrar-se com o outro e consigo mesmo/a.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





A RELAÇÃO DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

As escolhas das brincadeiras acontecem de uma forma errônea, pois em sua maioria são feitas por identidade de gênero. O processo de construção dos papéis masculinos e femininos na sociedade entendidos pelas crianças são refletidos e entendidos nas brincadeiras cabendo à elas decidirem como e o que querem ser quando crescer.

É comum presenciarmos que as brincadeiras entre meninas e meninos de maneira 'natural', possuem seus papéis pré-determinados e cada sujeito já sabe como deve se comportar socialmente. Por meio do faz-de-conta a troca de papéis é permitida, por isso as brincadeiras são as medidas e mediadoras entre as crianças, pois brincando a criança consegue adentrar o mundo adulto com mais facilidade, sem precisar se preocupar com as regras impostas exteriormente.

Maio (2011) dialoga com Kupermann (1999), salientando que a educação sexual tem a função de romper com o silêncio e a hipocrisia tradicionalmente imposta pela cultura.

A escola é um dos espaços sociais que a criança passa a maior parte do seu tempo e em contato com outras crianças, dividindo os espaços e os brinquedos, e é através dessa relação singular e única que a criança protagoniza as potencialidades de seu convívio familiar de diferentes formas, propiciando sempre uma nova relação de interação com o outro.

A escola é o espaço em que as manifestações sexuais são evidenciadas com recorrência, Maio (2011) destaca que, uma proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora poderia contribuir para o objetivo de discussão de toda comunidade educativa sobre a área da sexualidade. Assim, defende que:

há muito que se fazer ainda nessa área. Enquanto encontrarmos deboches, críticas não pertinentes, expressões vulgares, discriminação, preconceitos, sinônimos etc., principalmente no âmbito das escolas, mais se justificam projetos adequados de

Realização:



Apoio:



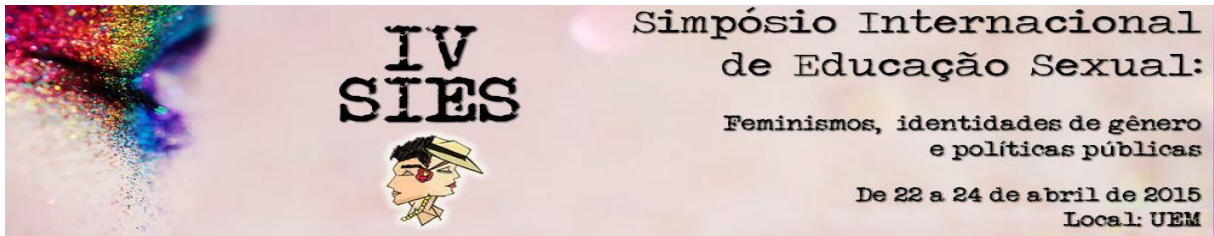
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



educação sexual escolar visando a diversos aspectos, entre os quais a reflexão sobre orientação sexual atualmente existente, considerando cada pessoa em sua singularidade e inserção cultural [...] (p.199).

Na história **Como Adultos** (Almanaque da Mônica, n.17, p.29-32), a função feminina e masculina estão definidas, impostas. Mônica e Cebolinha, Magali e Cascão, representam os papéis de marido e mulher, tendo cada um definido suas funções e representando o modo de vida do grupo social no qual estão inseridos. Ao final, Mônica e Cebolinha percebem que imitar os adultos não é uma brincadeira legal e decidem brincar de outra coisa, deparando-se com os adultos brincando como criança. Com o despontar da mulher para o mercado de trabalho e as diversas mudanças em todo o contexto social a divisão de tarefas dentro do ambiente familiar fez-se necessário.

Vygotsky (1998), diz que a brincadeira do faz-de-conta cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois a criança brinca, interagindo com outros parceiros e ao encenar papéis, ela se comporta com idade mais avançada do que nas outras atividades do cotidiano. Ao relacionar os aspectos das relações sociais do mundo adulto presentes em seu meio, a criança incorpora as diferenciações dos papéis entre homens e mulheres estabelecendo convenções e ações para cada gênero, representando assim as funções masculinas e femininas próprios da sociedade em suas brincadeiras.

As relações das crianças nas brincadeiras acontecem como forma de inclusão de meninas e meninos no contexto social, pois passam a demonstrar o que aprenderam sobre regras e valores e interagem entre eles, por isso os brinquedos precisaram acompanhar esses avanços, pois é com base neles que as crianças expressam a realidade que vivem e vão muito além das convenções sociais e determinações de gênero.

Assim, relacionar brincadeiras e gênero nos permite enxergar a simultânea construção de identidade que se dá desde as primeiras relações da criança com o coletivo, possibilitando à ela novos caminhos para o processo de identificação social,

Realização:



Apoio:

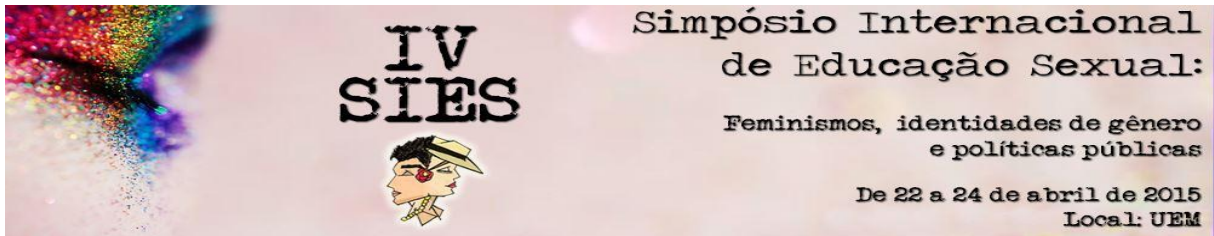


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





reinventando e apropriando-se do mundo que as rodeia numa relação de convivência que favorece as relações construídas entre meninos e meninas nas brincadeiras infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O faz-de-conta vivenciado pelas crianças nas brincadeiras revela-se um fenômeno bastante complexo, pois mesmo com pouco tempo de interação, meninos e meninas conseguem organizar e estruturar suas brincadeiras definindo cada um o seu papel, porém esse processo não é igual para todas as crianças, pois as interações se diversificam diante de cada contexto social.

Perceber que há um discurso imposto pela sociedade não é algo fácil, pois meninos e meninas que infringem as fronteiras do gênero são oprimidas e em sua maioria rejeitadas pelos amigos e até mesmo familiares, apesar disso e de todos os estereótipos ditos “corretos” pela sociedade e a pressão das expectativas dos adultos, as crianças conseguem por meio das brincadeiras encontrar meios para transgredir essas imposições e quebrar as regras.

Por isso, é preciso entender que as crianças possuem uma visão diferenciada do ser menino ou menina, pois as interações que acontecem entre elas nas brincadeiras não são meramente reproduções do que vivenciam em seu cotidiano mas também uma maneira de contrariar os preconceitos e as imposições em relação aos estereótipos de gênero.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à Pedagogia. In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. FAUSTINO, Rosângela Célia. **Educação e Diversidade Cultural**. Maringá: EDUEM, 2010, pp. 205-218.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: Formação Pessoal e social**. Brasília: MEC/SEF, vol.2, 1998.

DIOGO, J. M. L. **Parceria Escola-Família**. A caminho de uma educação participada. Coleção Escola e Saberes, vol.15. Porto: Porto Editora, 1998.

DUTRA, Joatam Preis & **História em quadrinhos: a linguagem artística dos quadrinhos**. 3ª Ed. São Paulo, 2002.

FELIPE, Jane. **Construindo identidades sexuais na Educação Infantil**. Páreo, (7), nov.98/jan.99, p. 56-58.

JARCEM, René Gomes Rodrigues. **História das Histórias em Quadrinhos**. Disponível em Acesso em: 04/05/2014.

KUPERMANN, Daniel. Afinal, o que fazer com o “Juquinha”? In: DUNLEY, Gláucia (Org.) **Sexualidade & Educação**. Um diálogo possível. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 69-100.

LOURO, Guacira Lopes. “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, Marta (org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 7-18.

_____. **Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

MAIO, Eliane Rose. Educação escolar, palavras e “palavrões”. In: _____. **O Nome da Coisa**. Maringá: Unicorpore, 2011, pp.179-202.

REIS, José Roberto Tozoni. Família, emoção e ideologia. In: LANE, Sílvia T. M. CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo. Brasiliense, p. 99-124, 1984.

VYGOTSKY, S. L, ET alii. (1998). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Ícone.

THE SUBJECTIVITY OF COMICS IN FORMATION OF GENDER IDENTITY

Realização:



Apoio:



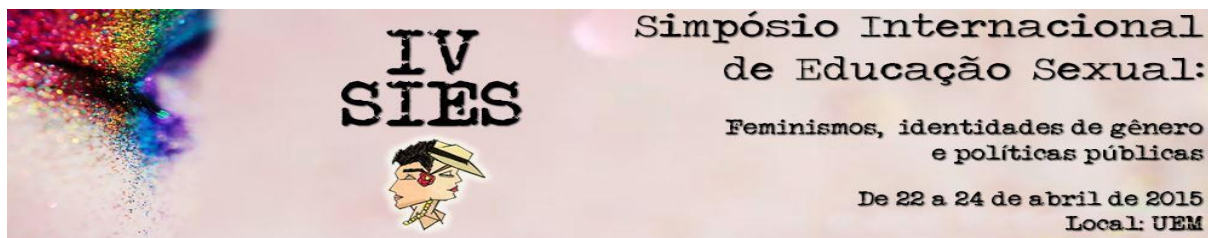
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



ABSTRACT

This study takes place in the quest to expose some notes on gender relations, as they occur in children's play and how children interpret the feminine and masculine roles observed in their daily lives. To this end, the representations were used that occur in the stories Children's Comics, especially the class of Monica, Monica Play in the stars (Journal of Monica, n.83, p.64-68), How Adults (Monica Almanac , n.17, p.29-32), because it is a pleasure to read, quite common and even recommended by the National Curriculum Parameters (PCN) (BRAZIL, 1997) as an educational resource and tool to aid in literacy, in order to question and break the paradigms of social relations that permeate the attitudes of / the adults / as, with a difference, favoring the male position, presenting the heteronormative and prejudiced way. The children's stories through his illustrations and stories, seek to work in the imagination and children's feelings and that can be repeated in the course of human life. The culture of difference here plays a role distorted and dark nuances wins cruelly boundaries even as it puts the difference in the form of a wall that separates and prevents the child from freely experience the game, so removed the child's right and its power of free choice. Born then this differently, the play of boys and girls, a fact occurring and played back in time to "play" and used as a template and justification for the separation by gender.

Keywords: History in comic; Children's play; Gender identity.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook